

# Mulheres "patrão" e o dualismo do mercado de trabalho

## Análise de dados estatísticos

Maria de Lurdes Rodrigues\*

*Resumo:* O trabalho que agora se apresenta foi desenvolvido no quadro de um projecto de investigação sobre mulheres empresárias. Tem por objectivo tornar mais "visível" este grupo sócio-profissional através da análise de dados estatísticos oficiais disponíveis e relativos aos últimos trinta anos.. As características que mais se evidenciam na observação e análise dos dados são, por um lado, o aumento surpreendente do número de mulheres na categoria estatística "patrões" (fortemente associada a funções de poder e prestígio), por outro lado a persistência de um mercado de trabalho segmentado (vertical e horizontalmente), marcado por um dualismo baseado no género.

Foram vários os motivos que nos levaram a eleger as mulheres empresárias como objecto de estudo sociológico. Em primeiro lugar a participação num projecto de investigação sobre valores, atitudes e comportamentos dos empresários da indústria, desenvolvido por uma equipa pluridisciplinar<sup>1</sup>. Alguns dos resultados deste estudo sugeriram a possibilidade e a necessidade de aprofundar e desenvolver vectores de análise que, pela sua especificidade, se colocavam para além dos objectivos do próprio projecto. Tal é o caso, por exemplo, das mulheres neste grupo sócio-profissional - as mulheres empresárias<sup>2</sup>. A principal questão levantada, e para a qual não se achava rápida e fácil solução, relacionava-se com o reduzido número de mulheres que responderam ao questionário. Representavam apenas 4.5% do grupo estudado. Qual o significado deste valor e a sua relação com a realidade? Qual a sua efectiva representatividade? Quantas são, de facto, as mulheres empresárias em Portugal?

A preocupação de dar resposta a estas questões deu origem a um segundo factor motivador deste trabalho. Numa primeira consulta, superficial e não sistemática às fontes estatísticas publicadas, verificou-se que a percentagem de mulheres no grupo sócio-profissional dos patrões é, no censo de 1981, de cerca de 19% e, portanto, mais elevada que a taxa obtida no projecto dos empresários. Restava então perceber porque é que a taxa de feminização (M/H x 100) dos

---

\* Docente do ISCTE, investigadora no CIES

empresários inquiridos foi de 5%, quando a taxa de feminização no grupo estatístico mais aproximado (e retendo apenas os dados relativos à Indústria Transformadora) é da ordem dos 15%? Que fenómeno nebuloso impede que se vislumbrem as mulheres empresárias? Questão tanto mais pertinente quanto o próprio senso comum se interroga, com alguma suspeição e desconfiança: mas existem? não são apenas mulheres de empresários? Um outro facto ocorre, entretanto, que chama a nossa atenção. A constituição de várias associações de mulheres empresárias e a realização de um congresso, no final de 1987. Tal facto confirma a existência das mulheres empresárias não apenas como categoria estatística, grupo formal, sociológica e abstractamente construído e definido, mas também enquanto grupo real, socialmente estruturado e organizado. Pode dizer-se que este facto é um indicador da existência de um grupo social real em torno do qual os seus membros definem a sua identidade, os seus comportamentos, atitudes e valores.

Estes motivos de natureza factual e decorrentes da realidade social e empírica foram o ponto de partida para o equacionamento de algumas hipóteses de trabalho e a elaboração de um projecto de pesquisa que está neste momento em curso<sup>3</sup>.

No âmbito deste projecto e com o objectivo de perceber como se caracterizava e apresentava, na contabilidade social, nos últimos anos, o grupo social que pretendíamos estudar - mulheres empresárias -, procedemos a uma consulta sistemática das fontes estatísticas disponíveis.

Tendo presentes todas as considerações que se podem fazer sobre a fidedignidade dos dados estatísticos, as suas limitações e dificuldades de utilização<sup>4</sup>, aceitamos, em princípio, que os Recenseamentos e outras publicações de dados estatísticos podem constituir um ponto de partida, ainda que aproximado e de contornos pouco nítidos, para a configuração da realidade social. Assim consultámos e analisámos os dados dos Recenseamentos Gerais de População de 1960 e de 1981 e o Inquérito ao Emprego de 1987 - 4º trimestre<sup>5</sup>.

Não se pretende com este trabalho fazer um estudo diacrónico e sistemático de evolução do grupo socio-profissional. Pretendemos, sim, estabelecer três momentos, três cortes num lapso amplo de tempo e caracterizar cada um deles com os dados disponíveis, quer dizer, verificar como se caracterizava, em cada um dos momentos definidos, a participação no mercado de trabalho das mulheres em geral e das empresárias em particular, e eventualmente perceber as linhas de continuidade ou de ruptura nesse lapso de tempo.

A categoria estatística que mais se aproxima do grupo socio-profissional "empresários" é a dos "patrões" ou "trabalhador por conta própria com trabalhadores a cargo". Patrão é uma categoria estatística de base jurídica relativa à "situação na profissão" que inclui outras categorias de relevo como "conta própria sem trabalhadores a cargo" ou "isolado", "assalariado" ou "trabalhador por conta de outrem" e "trabalhador familiar não remunerado". As designações variam com a fonte estatística, mas podemos considerar que equivalem<sup>6</sup>.

No sentido de tornar mais evidentes as características do grupo socio-profissional em estudo, mantivemos sempre como referência o total da população activa (masculina e feminina) e o total de "patrões" (homens e mulheres). Procurámos ainda observar a sua distribuição por classes etárias, distritos, profissões e ramos de actividade<sup>7</sup>.

A seguir apresentaremos dados extraídos das fontes referidas, relativos a 1960, 1981 e 1987, seguidos de comentários de síntese. No final apresentaremos as principais conclusões sugeridas pela análise do conjunto dos dados.

### **A situação das mulheres "patrão" em 1960**

Em 1960 são classificados estatisticamente como "patrões" 185.988 indivíduos dos quais apenas 12.925 são mulheres. A taxa de feminização (M/H x 100) é, portanto, de 6.9%, o que significa que por cada 100 homens existem 6.9 mulheres na mesma categoria<sup>8</sup>.

Se considerarmos apenas os "não agrícolas", os valores são diferentes: 102.394 homens, 7.517 mulheres e uma taxa de feminização ligeiramente superior, 7.3%.

A distribuição das mulheres classificadas como "patrões não agrícolas" pelas classes etárias (quadro 1 em anexo, página 73) permite observar uma certa concentração nas classes acima dos 40 anos, rareando principalmente nas idades inferiores a 30 anos.

O quadro 2 (em anexo, página 74) permite comparar a estrutura do grupo socio-profissional "patrões não agrícolas" com a população activa e observar a distribuição sectorial de ambos os grupos, retirando-se daí várias conclusões:

- Os patrões representam 6.2% da população activa. Esta taxa é um indicador dos níveis de concentração da actividade económica e tem variações sectoriais num intervalo muito amplo: Serviços (2.3%), Construção (2.6%), Indústria Transformadora (5.9%), Comércio (19.3%);

- A taxa de feminização é no caso dos "patrões não agrícolas" de 7.3%. Para a população activa não agrícola a mesma taxa é de 36%. Esta disparidade de valores confirma a diferenciação vertical na participação de homens e mulheres no mercado de trabalho, a dualidade e segmentação do mercado de trabalho com base no género;

- Sectorialmente encontram-se também variações na taxa de feminização em ambos os grupos que podem ser observadas no quadro seguinte:

	Taxa de Feminização(%)	
	Patrões	Pop. act.
Ind. extractiva	0.9	3.0
Indust. transformadora	6.0	33.2
texteis, calç. e conf.	13.4	81.8
alimentação	6.7	51.4
Construção	0.3	0.8
Comércio	8.4	17.6
Transportes	1.1	9.6
Serviços <sup>9</sup>	14.2	125.0
TOTAL/MÉDIA	7.3	36.0

Resumindo, ocorre já nesta altura a existência de sectores que absorvem maior quantidade de mão-de-obra feminina, caracterizando-se o mercado de trabalho também por uma diferenciação horizontal na participação de homens e mulheres, podendo identificar-se sectores tipicamente femininos como os Texteis, Confecções, Alimentação e Serviços. São exactamente estes mesmos sectores que apresentam mais elevadas taxas de feminização no grupo dos "patrões".

No entanto só com algumas reservas se pode falar em orientação das mulheres para sectores de actividade "tipicamente" femininos, sejam assim considerados pelo emprego maioritário de mão-de-obra feminina, seja pela sua ligação aos saberes domésticos e tradicionalmente reservados às mulheres. O que se verifica com o ramo do Comércio põe exactamente isso em causa. Veja-se que este ramo de actividade não tem, de forma evidente, nada a ver com os saberes domésticos (saúde, educação, confecção, alimentação, limpeza, etc.), também não tem tradição de emprego de mão-de-obra feminina, não podendo, portanto, ser considerado "tipicamente" feminino. Todavia, absorve 53,5% das mulheres incluídas na categoria "patrão não agrícola".

No quadro 3 (em anexo, página 75), que apresenta a distribuição geográfica da população activa e dos "patrões", verifica-se que, em alguns Distritos a taxa de feminização do grupo socioeconómico "patrões não agrícolas" é superior à média do País, tal é evidenciado no quadro seguinte:

	Patrões não agríc. Taxa de fem.(%)	Mulheres Pop.activa(%)
Aveiro	8.0	8.5
Braga	9.0	6.7
Lisboa	8.0	25.4
Porto	8.0	21.3
V. Castelo	9.0	2.6
V. Real	10.0	3.4

É também nestes distritos que se concentra o maior número de mulheres deste grupo.

Os seis distritos representam 68% do total das mulheres "patrão não agrícola". Com excepção de V. Real, estes são também os distritos com mais elevada taxa de feminização na população activa: Aveiro (23,6%), Braga (30,9%), Lisboa (32,5%), Porto (34,1%), V. Castelo (31,3%). Pode considerar-se que existe um certo paralelismo entre as duas taxas, o que parece indicar que um elevado número de mulheres na categoria estatística "patrão" ocorre nos distritos em que é maior percentagem de mulheres activas.

## 20 anos depois

No Censo de 1981 são classificados como "patrões" 125.517 indivíduos dos quais 20.036 são mulheres<sup>10</sup>. Neste lapso de tempo a taxa de feminização passa para 19%.

Se considerarmos apenas os não agrícolas teremos 18.741 mulheres e 97.752 homens "patrões não agrícolas", sendo a taxa de feminização ligeiramente superior, 19,1%.

A distribuição das mulheres classificadas nesta categoria estatística, por classes etárias (quadro 4 em anexo, página 76), revela que a maior parte delas têm entre 30 e 50 anos. A taxa de feminização é bastante superior nas classes etárias mais jovens, principalmente se tivermos em atenção os dados de 1960.

O quadro 5 (em anexo, página 77) permite comparar a estrutura do grupo socio-profissional em estudo com a estrutura da população activa, bem como observar a distribuição sectorial de ambos os grupos:

- Os "patrões" são agora 3,4% da população activa. O fenómeno de concentração de empresas atingiu todos os sectores de actividade particularmente o sector primário onde estes valores atingem 1,3%;

- A taxa de feminização é, como vimos, para os "patrões" de 19% e para a população activa de 53,3%. Embora se continue a verificar uma distância grande entre as duas taxas, é evidente que a taxa de feminização do grupo "patrões", neste lapso de 20 anos, aumentou muito mais. Não podemos portanto, atribuir o aumento do número de mulheres, no grupo dos "patrões", apenas a um efeito directo e proporcional ao aumento da população activa feminina. Pode, eventualmente, falar-se em efeito de contágio ou de propagação que se traduz na presença de mulheres em profissões, categorias profissionais, ocupações e situações de trabalho nas quais tradicionalmente não participava; ou seja, a actividade profissional da mulher presente como um valor orientador de comportamentos, em categorias e estratos sociais que até aí reservavam às mulheres outros papeis.

Assim sendo, estaremos perante uma mudança estrutural na sociedade e particularmente no mundo do trabalho? Será ela o resultado de uma alteração no quadro de valores da sociedade em geral ou apenas de grupos restritos? Qual o papel que jogam a democratização do ensino e da educação? Sectorial-

mente mantêm-se algumas, e acentuam-se outras, das diferenças manifestadas nos dados relativos a 1960, como podem ser observadas no quadro seguinte:

	Taxa de Feminização	
	Patrões(%)	Pop. activa(%)
Ind. transformadora	15.1	53.9
Alimentação	22.6	65.1
Têxteis e conf.	41.0	176.0
Comércio e Hotelaria	27.7	56.3
Grosso	12.5	29.1
Retalho	30.6	60.6
Serviços	13.4	136.0
Educação/saúde	55.4	268.0

(\*) Ver nota 9

As taxas dos dois grupos acompanham-se, mas, como fizemos referência para os dados de 1960, não pode estabelecer-se uma relação linear entre ambas, porque, como vimos nos dados relativos a 1960, e uma vez mais, ficam por explicar situações como a do ramo do Comércio.

Na distribuição sectorial dos "patrões não agrícolas", que se resume no quadro seguinte, acentuam-se as diferenças entre homens e mulheres

	Patrões não agrícolas	
	Homens(%)	Mulheres(%)
Ind. transform.	28.3	22.4
Comércio	42.3	61.8
Serviços	10.5	14.0
Transportes	2.0	0.4
C. Civil	15.7	1.0
	100% = 116.449	100% = 18.471

Apenas em alguns ramos de actividade se verifica um aumento do número de "patrões" entre 1960 e 1981. São eles a Construção Civil e os Transportes (nos quais aumenta principalmente o número de homens) e também os Serviços (em que aumenta tanto o número de homens como de mulheres); nos restantes ramos o número total de "patrões" diminui, mas verifica-se sempre o aumento do número de mulheres.

Considerando a distribuição geográfica (quadro 6 em anexo, página 78), a taxa de feminização do grupo socio-profissional apresenta-se em alguns distritos superior à média nacional. Os cálculos efectuados e apresentados no quadro que se segue permitem observar essas diferenças.

	Taxa de feminização	
	Patrões(%)	Pop. activa(%)
Aveiro	14.0	56.3
Braga	17.7	64.3
Faro	19.2	37.7
Lisboa	23.1	61.8
Porto	19.3	55.7
Setúbal	21.2	44.4
V. Castelo	20.2	73.8

Apenas em Lisboa, Porto e V. Castelo se encontra um paralelismo na variação das duas taxas. Quer dizer, não é rigorosamente nos Distritos de forte emprego de mão-de-obra feminina que é mais elevada a taxa de mulheres na categoria estatística "patrões".

Os distritos em que se concentra o maior número de mulheres do grupo socio-profissional considerado são Lisboa (31,9%), Porto (21,9%), Aveiro (6,1%), Setúbal (6,0%) e Braga (5,9%), que são também os distritos de maior concentração da actividade industrial. Não se podem portanto tirar conclusões definitivas sobre a importância relativa de cada uma destas variáveis: concentração da actividade industrial ou concentração de mão-de-obra feminina.

## A situação na década de 80

Nos dados desta fonte estatística pode verificar-se a existência de 1.710.500 mulheres empregadas, das quais 23.200 são "trabalhadoras por conta própria com pessoal ao serviço"<sup>11</sup>.

Uma vez mais se confirma que a taxa de feminização no grupo socio-profissional considerado, é inferior à mesma taxa relativa à população empregada no geral.

	Pop. emp(%)	Trab. conta própria c/trab. ao serviço(%)
Taxa de feminização	40.9	19.7

A distribuição sectorial (quadro 7 em anexo, página 79) mostra que a maior parte das 23.200 mulheres se concentram no Comércio (31,8%), na Indústria Têxtil (18,1%), Restaurantes e Hotelaria (11,6%) e Serviços (12,9%). É, justamente, nestes ramos de actividade que a taxa de feminização do grupo dos "trabalhadores por conta própria com assalariados" atinge valores mais elevados.

O quadro nº 8 (em anexo, página 80) sugere de imediato uma chamada de atenção para a inexistência de mulheres na categoria "trabalhador por conta

própria com assalariados" com mais de 100 assalariados ao serviço. O facto de cerca de 70% das mulheres do grupo em estudo terem ao serviço 5 ou menos trabalhadores (empresas de muito reduzida dimensão), não pode ser considerado específico das empresas de mulheres. Uma característica estrutural do nosso tecido empresarial é a elevada percentagem de empresas de muito reduzida dimensão, independentemente de serem dirigidas por homens ou mulheres.

Uma última chamada de atenção ainda para o grupo dos "trabalhadores por conta própria sem assalariados" no qual a taxa de feminização atinge os valores de 87,8%.

## Conclusão

Para um olhar desprevenido, a maior perplexidade, quando se observam estes dados estatísticos, é o surpreendente aumento do número de mulheres na categoria "patrões" ou "trabalhadores por conta própria com assalariados", no lapso de cerca de trinta anos. A taxa de feminização passa de 7,3% a 20%.

Embora se assista a um aumento generalizado do número de mulheres activas e da sua participação no mercado de trabalho, o crescimento é mais acentuado, na categoria estatística estudada.

O aumento da participação da mulher no mercado de trabalho não alterou as características estruturais de uma desigual participação vertical e horizontal por parte de homens e mulheres:

- As taxas de feminização mantêm-se mais baixas nos grupos socio-profissionais de maior poder e prestígio, todavia pode dizer-se que esta diferença tende, actualmente, a ser menor do que há 30 anos atrás..

- Existem sectores de actividade que empregam elevados volumes de mão-de-obra feminina. Em alguns casos, como o dos Textéis, são sectores tradicionais, em outros casos são novos sectores de actividade, em expansão, como é o caso de alguns ramos dos serviços. É, precisamente, nestes ramos que as taxas de feminização de grupos profissionais de maior poder e prestígio, como o de "patrões", "trabalhadores por conta própria com assalariados", "directores", etc., atingem valores mais elevados. Apesar disso, só com muitas reservas se pode falar de orientação das mulheres (seja qual for a situação de trabalho, mas particularmente daquelas que pertencem à categoria "patrões") para sectores de actividade relacionados com os saberes tradicionais femininos e as actividades desenvolvidas no foro doméstico. A situação no Comércio a Retalho é bem ilustrativa da necessidade de se procurarem outras explicações para estes problemas. Por um lado, é um ramo de actividade que não se pode

associar aos saberes e actividades domésticas e tradicionalmente femininas e no qual o número de mulheres activas é elevado e tem aumentado sempre; por outro lado, apesar do número de mulheres activas ser elevado, não é este o ramo que absorve mais mão-de-obra feminina e, no entanto é o ramo em que é maior o número de mulheres na categoria estatística "patrão", contrariando portanto toda a lógica subjacente a tal raciocínio.

- Geograficamente é também de realçar a existência de distritos em que se localiza uma percentagem mais elevada de mulheres "patrões". Tal diferenciação não pode ser explicada apenas pela tradição de trabalho feminino nesses distritos. Deve, eventualmente ter-se em consideração que esses distritos são também áreas geográficas de intensa actividade económica e concentração industrial, não sendo evidente qual a variável que contribui de forma decisiva para a explicação do fenómeno.

Outra conclusão que se pode extrair dos dados estatísticos analisados é o facto de serem, nos anos 80, abrangidas, neste grupo socio-profissional, mulheres mais jovens que há 20 ou 30 anos atrás.

O trabalho que agora apresentámos foi desenvolvido, como referimos, no quadro de um projecto de investigação sobre mulheres empresárias. Constitui, portanto (assim deve ser entendido), apenas, uma das peças de um "puzzle" que, pensamos, contribuirá para tornar mais visível um grupo socio-profissional sobre o qual tudo se desconhece.

## Notas

- 1 O projecto de investigação referido decorreu no âmbito das actividades do CISEP (Centro de Investigação Sobre Economia Portuguesa) e os resultados foram divulgados através de três relatórios. A equipa foi orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Manuela Silva e constituída por: José Maria BRANDÃO de BRITO, José Luís CARDOSO, Fernando RIBEIRO MENDES (docentes do ISE e investigadores do CISEP) e Maria de Lurdes RODRIGUES. O projecto de investigação teve o seu início em Outubro de 1986, tendo ficado concluído no final do ano de 1988. O principal instrumento técnico de recolha de dados foi um questionário-postal com cerca de 50 questões que abarcavam as seguintes áreas temáticas: dados socio-demográficos sobre o empresário; dados objectivos sobre a empresa; atitudes e comportamentos no que respeita ao exercício da função empresarial, aos processos de inovação e desenvolvimento da empresa, às relações com o Estado, à concorrência, à adesão à CEE e ao associativismo empresarial. A amostra, estratificada por critérios de localização, sector de actividade e dimensão (nº de trabalhadores), foi construída com base nas listagens de empresas dos quadros de pessoal do Serviço de estatística do Ministério do Trabalho. Para referências mais precisas ver: CISEP, "Empresários e Gestores da Indústria Portuguesa", Lisboa, 1989.
- 2 No âmbito do projecto referido haviam sido inquiridos 900 empresários, sendo de 42 o número de mulheres. O perfil das mulheres empresárias que então se traçou permitiu identificar diferenças acentuadas em relação ao grupo total, nomeadamente nas médias de idade, níveis de escolarização, áreas de formação, modalidades de acesso à função empresarial, etc... Para além dos resultados apresentados nos relatórios já referidos, no que respeita às mais evidentes diferenças entre homens e mulheres empresárias, veja-se a comunicação apresentada por M. de Lurdes Rodrigues, no "Seminário Mulheres e Iniciativas de Emprego", organizada pelo

- IEFP, no Luso, em Novembro de 1988. Ou ainda, M. de Lurdes Rodrigues, "As mulheres na Função Empresarial: problemas e hipóteses", *Organizações e Trabalho*, nº 1, 1989.
- 3 Trata-se de um projecto de investigação empírica que se desenvolve no quadro das exigências da carreira académica. Os principais objectivos deste trabalho são: - Tipificar as modalidades de acesso, por parte das mulheres, à função empresarial - função por excelência associada a poder e prestígio -, através do estudo das trajectórias socio-profissionais e da identificação de factores motivadores ou bloqueadores de determinado percurso; - Encontrar especificidades no exercício da função de direcção de empresas - função complexa e atingida pela divisão do trabalho -, através do estudo das práticas e representações da actividade empresarial, do sentido atribuído à própria acção e ao contexto em que ela se desenrola. Com vista à prossecução de tais objectivos, foi definido um quadro teórico e metodológico, em cujo espaço se construiu uma amostra e se realizaram entrevistas.
  - 4 As principais limitações e dificuldades de utilização dos Recenseamentos Gerais de População relacionam-se em primeiro lugar com os próprios conceitos estatísticos e critérios de classificação seja de indivíduos, seja das unidades económicas, que pela sua rigidez e simplificação não permitem facilmente a leitura de situações de fronteira ou um pouco mais complexas. Mas estas situações são muito frequentes na realidade social. O maior obstáculo é a constante e arbitrária alteração de conceitos e critérios de classificação das actividades económicas, dos indivíduos e das situações de trabalho, etc., na passagem de uma década a outra ou de um censo a outro. Quando se pretendem fazer estudos diacrónicos tais alterações obrigam a um esforço de elaboração de equivalências muitas vezes difícil e inglório, não ficando garantido o rigor dos resultados. Isto é ainda agravado pela completa ausência de critérios sistemáticos na apresentação dos dados. No que respeita ao último censo (1981), verifica-se na apresentação dos resultados, surpreendentemente, a invisibilidade das mulheres. Em todos os quadros de apresentação de resultados que incluem a variável sexo, são apresentados apenas os valores relativos a HM (total) e H. O sexo feminino não existe, calcula-se! A situação é que qualquer investigador, ou simples curioso que pretenda tornar visíveis as mulheres (metade da população) fica obrigado a fazer uma infinidade de subtrações, sem fim e sem sentido. A consulta do censo de 1981 é penosa ainda por outra razão: dígitos de reduzidíssima dimensão associam-se a quadros enormes que ocupam, por vezes, várias páginas sem que no final se incluam as somas relativas a todos aqueles valores, sem que se apresentem totais parciais ou globais. O principal risco que corre o investigador é, pois, o de erro de cálculo ou de digitação, dada a deficiente qualidade de apresentação dos dados.
  - 5 O recurso a esta última fonte estatística ocorre porque, apesar de tudo, estamos já no final da década de 80 e pareceu-nos necessário verificar, em fontes mais recentes, se se mantinham as tendências manifestadas no censo de 1981. Outras fontes possíveis para proceder a uma consulta de dados, seriam os Inquéritos ao Emprego ou os quadros de pessoal do Departamento de Estatística do Ministério do Trabalho. Para os objectivos do nosso trabalho a forma e o tipo de resultados que apresentam revelaram-se inadequados. Os Inquéritos ao Emprego apresentam os dados apenas em valores relativos e em índices, sendo portanto muito limitadas as possibilidades de leitura. Os quadros de pessoal dizem respeito apenas a "trabalhadores por conta de outrem" ou "assalariados", sendo as informações sobre dirigentes de empresas escassas e inexistentes em relação ao sexo dos mesmos.
  - 6 Uma outra categoria estatística que poderíamos considerar aproximada seria a de "Director ou Quadro Dirigente", relativa à Classificação Nacional de Profissões (CNP-2). A definição de empresário remete para duas dimensões, uma relacionada com a situação na profissão e outra relacionada com o exercício de uma actividade nos mais elevados escalões de categorização. Contudo a amplitude dos critérios de classificação na categoria "Director ou Quadro Dirigente" torna-a inadequada aos nossos objectivos. Podem encontrar-se aqui indivíduos em várias situações profissionais desde assalariados a isolados, e de várias categorias profissionais, não sendo possível distinguir aqueles que ocupam os mais elevados cargos na hierarquia das empresas. Optámos, assim, por privilegiar a dimensão relativa à situação na profissão, considerando a categoria "patrões" como a mais aproximada para efeitos deste estudo.
  - 7 À partida foram postos de lado os dados relativos à agricultura, tanto pelos problemas específicos que levanta a sua análise, como pelo facto de a tradicional divisão académica e disciplinar das sociologias especializadas a colocar fora do alcance da sociologia do trabalho.

Restringimos assim a nossa observação à indústria, ao comércio e aos serviços. Delimitámos o estudo também, apenas ao Continente e não ao total do país, porque, seria este o espaço geográfico de realização da pesquisa. Contudo, nem sempre foi possível manter este propósito porque em alguns quadros o INE publica apenas os dados relativos ao país, não sendo possível proceder às necessárias deduções. Pensámos que, apesar disso, a informação mantinha a sua utilidade embora com possibilidades de leitura e de comparação mais limitadas. Em qualquer das fontes estatísticas consultadas não existem dados sobre os níveis de instrução dos grupos socio-económicos.

- 8 A partir dos dados do censo de 1960 foram construídos os quadros nº1, nº2 e nº3 que se juntam em anexo.
- 9 Foram retirados destes cálculos os valores relativos à administração pública. O elevado número de activos em situação de assalariamento introduz fortes distorções nas relações que se pretendia aqui evidenciar.
- 10 A partir dos dados do Censo de 1981 foram construídos os quadros nº4, nº5 e nº6 que se apresentam em anexo.
- 11 Do Inquérito ao Emprego (4º trimestre - 1987) foi extraída informação para construir os quadros nº7 e nº8 apresentados em anexo.
- 12 Inclui os valores relativos à população activa agrícola.

## Anexo Estatístico

Quadro 1: Padrões por sector de actividade e sexo, segundo grupos etários, 1960

Sector		Idade					Total
		< 30	30-39	40-49	50-59	> 60	
Agrícola	H	3 292	9 837	14 208	17 482	25 850	70 669
	M	70	269	622	1 223	3 224	5 408
Não agrícola	H	8 890	23 691	28 084	24 357	17 372	102 394
	M	757	1.358	1 695	1 843	1 864	7 517
(%M)		(10.0)	(18.0)	(22.5)	(24.5)	(24.7)	(100.0)
Total	H	12 182	33 528	42 292	41 839	43 222	173 063
	M	827	1 627	2 317	3 066	5 088	12 925
(%M)		(7.0)	(19.0)	(24.0)	(24.0)	(26.0)	(100.0)

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População, 1960.

**Quadro 2:** População residente activa com profissão e padrões agrícolas por sexo e classes ou grupos de actividade (dados para o país), 1960

	População activa com profissão			Padrões não agrícolas		
	HM	H	M	HM	H	M
Ind. extractivas	26 199	25 417	782	522	517	5
3.1 Alimentares	72 840	48 095	24 745	5 658	5 298	360
3.2 Têxteis e conf.	254 388	139 910	114 478	14 620	12 884	1 736
3.3 Madeira	100 932	92 958	7 974	6 896	6 840	56
3.4 Papel	26 903	21 471	5 432	1 160	1 126	34
3.5 Química	30 771	25 265	5 506	914	890	24
3.6 Min. não metálicos	39 399	34 252	5 147	1 473	1 443	30
3.7 Met. base	7 993	7 426	567	50	48	2
3.8 Prod. metálicos	136 158	131 318	4 840	8 084	8 037	47
3.9 Diversas	21 496	17 822	3 674	2 540	2 480	60
Ind. transformadoras	690 880	518 517	172 363	41 395	39 046	2 349
Electricidade	14 436	13 702	734	70	68	2
Construção	227 192	225 407	1 785	6 103	6 084	19
6.1 e 6.2	248 107	210 514	37 593	47 073	43 457	3 616
6.3	22 753	19 745	3 008	5 373	4 897	476
Comércio	270 860	230 259	40 601	52 446	48 354	4 092
Transportes	122 150	111 439	10 711	3 824	3 782	42
Bancos e seguros	21 962	19 552	2 410	306	295	11
Administração pública	119 196	108 082	11 114	--	--	--
Serviços à comunidade	105 422	46 004	59 418	1 028	848	180
Serviços às empresas	8 581	7 404	1 177	948	927	21
Serviços recreativos	6 613	5 293	1 320	182	168	14
Serviços pessoais	235 845	43 754	192 091	6 579	5 680	899
Mal definidos	21 286	19 615	1 671	130	119	11
Serviços	475 657	210 537	265 120	8 737	7 623	1 114
Total (sem agricultores)	1 849 336	1 354 830	494 506	114 754	107 104	7 650
M/Total = 36%			% Patrões / Pop.Active = 6.2; Taxa = 6.6			
Total (com agricultores)	3 315 639	2 713 036	602 603			

**Quadro 3:** População residente activa segundo a condição social/económica e o sexo, por distrito (dados para o Continente), 1960

Distritos	População activa (*)			TT Patrões não agrícolas			
	HM	H	M	(T.F.)	H	M	(T.F.)
Aveiro	185 432	149 916	35 516	23.6	7 922	640	8.0
Beja	109 058	95 698	13 360	13.9	1 406	98	7.0
Braga	210 238	160 508	49 730	30.9	5 526	508	9.0
Bragança	82 706	74 400	8 305	11.1	1 743	123	7.0
C.Branco	113 593	98 936	14 657	14.8	3 164	160	5.0
Coimbra	152 747	129 904	22 843	17.5	5 266	363	7.0
Évora	87 237	75 835	11 402	15.0	2 016	90	4.0
Faro	125 825	107 243	18 582	17.3	3 524	238	7.0
Guarda	95 424	85 518	11 906	14.2	2 653	174	7.0
Leiria	146 714	129 504	17 210	13.2	4 634	234	5.0
Lisboa	585 353	441 625	143 728	32.5	24 032	1 913	8.0
Portalegre	75 089	65 184	9 905	15.9	1 862	80	4.0
Porto	447 873	333 775	114 098	34.1	19 795	1 604	8.0
Santarém	172 214	150 128	22 086	14.7	5 640	273	5.0
Setúbal	153 345	127 245	26 100	20.5	4 592	288	6.0
V.Castelo	99 682	75 879	23 803	31.3	2 113	198	9.0
V.Real	115 772	99 679	16 093	16.1	2 434	255	10.0
Viseu	167 943	143 027	24 916	17.4	4 072	278	7.0
Total	3 126 245	2 542 005	584 240	23.0	102 394	7 517	7.0

(\*) Inclui população activa agrícola

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População, 1960.

**Quadro 4:** Padrões, por grupos etários e sexo (dados para o Continente), 1981

	<30	30-39	40-49	50-59	>60	Total
H	13 906	25 190	29 587	23 136	12 714	105 497
M	3 556	5 219	5 202	3 956	2 138	20 071
%M	14	24	27	22	13	100
Total	17 426	30 409	34 789	27 092	15 852	125 568
Taxa fem.(%)	26	21	18	17	16	19

Nota: Inclui padrões agrícolas e não agrícolas

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População, 1981.

**Quadro 5:** População residente activa, patrões, por CAE e sexo (dados para o Continente), 1981

	População activa total				Patrões			
	HM	H	M	H/M %	HM	H	M	H/M %
Agricultura	693 423	438 359	225 064	51.0	9 078	7 783	1 295	16.6
Industria extractiva	17 709	16 895	814	4.8	518	496	22	4.4
Industria transformadora	983 998	639 006	344 992	53.9	31 963	27 757	4 206	15.1
Electricidade, gaz e ÁÁgua	27 688	24 809	2 879	11.6	169	160	9	5.6
Construção	417 510	408 345	9 165	2.2	15 612	15 410	202	1.3
Comércio	488 822	312 722	176 100	56.3	53 338	41 749	11 589	27.7
Transportes e comunicações	181 715	152 815	28 900	18.9	1 988	1 909	79	4.1
Bancos e seguros	98 318	71 562	26 819	37.4	1 749	1 600	149	9.3
Outros serviços	748 443	335 777	412 660	122.0	11 156	8 671	2 485	28.6
Mal definidos	2 265	1 721	544	31.6	-	-	-	-
Total	3 659 954	2 402 011	1 257 943	52.3	125 571	105 535	20 036	19.0
(Patrões não agrícolas)					116 499	97 752	18 741	19.1

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População, 1981; dados para o Continente.

Quadro 6: População residente activa e patrões, por distrito e sexo (Continente), 1981

	População activa			Patrões			Patrões não agrícolas					
	HM	H	M	H/M%	HM	H	M	H/M%	HM	H	M	M/H%
Aveiro	258 871	165 618	93 253	56.3	9 936	8 709	1 227	14.0	9 657	8 497	1 160	13.6
Beja	62 423	48 773	13 650	27.9	1 332	1 193	139	11.6	804	693	111	16.0
Braga	275 581	167 644	107 937	64.3	7 964	6 766	1 198	17.7	7 480	6 731	749	11.1
Bragança	57 772	45 154	12 618	27.9	1 331	1 211	120	9.9	1 129	1 019	110	10.7
C.Branco	81 834	57 268	24 566	42.8	2 305	2 029	276	13.6	2 034	1 782	252	14.1
Coimbra	164 086	107 104	56 982	53.2	5 065	4 312	753	17.4	4 869	4 128	741	17.9
Évora	69 894	49 064	20 830	42.4	2 115	1 813	302	16.6	1 554	1 333	221	16.5
Faro	120 030	87 112	32 918	37.7	4 146	3 477	669	19.2	3 527	2 895	632	21.8
Guarda	72 184	50 484	21 700	42.9	1 764	1 527	237	15.5	1 576	1 379	197	14.2
Leiria	160 934	111 835	49 099	43.9	5 489	4 695	794	16.9	4 954	4 236	718	16.9
Lisboa	885 746	547 314	338 432	61.8	34 020	27 614	6 406	23.1	32 823	26 566	6 257	23.5
Portalegre	49 990	36 587	13 403	36.6	1 258	1 065	193	18.1	814	670	144	21.4
Porto	634 204	407 081	227 123	55.7	27 158	22 756	4 402	19.3	26 310	22 021	4 289	19.4
Santarém	169 200	119 430	49 770	41.6	5 728	4 882	846	17.3	4 971	4 227	744	17.6
Setúbal	257 654	178 356	79 298	44.4	6 924	5 709	1 215	21.2	6 267	5 114	1 153	22.5
V.Castelo	97 853	56 290	41 563	73.8	3 114	2 589	525	20.2	2 684	2 332	352	15.0
V.Real	87 788	64 940	22 848	35.1	1 892	1 664	228	13.7	1 520	1 342	178	13.2
Viseu	153 896	101 947	51 949	50.9	4 030	3 524	506	14.3	3 520	3 097	423	13.6
Total	3 659 940	2 402 001	1 257 939	52.3	125 571	105 535	20 036	19.0	116 493	97 752	18 741	19.1
(Activos não agrícolas)					2 966 517	1 963 642	1 002 875					51.0

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População, 1981.

**Quadro 7:** População empregada, segundo o ramo de actividade económica por situação na profissão e sexo (Continente), 1987

	População empregada			Trabalhadores por conta própria com pessoal ao serviço				H/M%
	HM	H	M	HM	H	M	H/M%	
Agricultura	888 800	426 800	462 000	8 500	7 200	1 300	-	-
Pesca	21 900	19 800	2 100	1 400	1 400	-	-	-
Industria extractiva	16 300	16 300	-	200	200	-	-	-
Agricultores	94 000	59 500	34 500	4 500	4 000	500	12.5	12.5
Industria têxtil	400 800	132 000	26 900	10 600	6 400	4 200	65.6	65.6
Industria madeira e papel	138 500	111 300	27 200	12 500	11 200	1 300	11.6	11.6
Industria química e metal.	156 900	118 000	38 900	7 500	6 800	700	10.3	10.3
Industria met.base e fab.	235 200	199 300	35 900	7 900	700	200	2.6	2.6
Outras transformadoras	28 100	17 300	10 900	2 700	200	600	28.5	28.5
Electricidade	31 300	25 300	6 000	-	-	-	-	-
Construção	385 800	378 100	7 700	17 800	17 300	500	2.8	2.8
Comércio	439 100	259 800	179 300	37 000	29 600	7 400	25.0	25.0
Restaurantes e hotéis	121 100	62 000	59 200	11 000	8 300	2 700	32.5	32.5
Transp., agric. e comércio	165 300	137 900	27 500	1 800	1 500	200	13.3	13.3
Bancos e seguros	131 100	88 200	42 900	3 600	3 100	600	19.3	19.3
Administração pública	301 900	195 500	105 300	1 100	1 100	-	-	-
Educação	163 900	307 200	126 700	1 300	700	600	85.7	85.7
Saúde	88 500	23 800	64 700	1 000	500	500	100.0	100.0
Outros serviços	364 000	153 400	210 600	10 600	8 700	1 900	21.8	21.8
<b>Total</b>	<b>4 173 200</b>	<b>2 462 600</b>	<b>1 710 500</b>	<b>141 000</b>	<b>117 800</b>	<b>23 200</b>	<b>19.7</b>	<b>19.7</b>

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego (4 trimestre), 1987.

**Quadro 8:** População empregada a trabalhar por conta própria, segundo escalões de nº de assalariados ao serviço, por ramo de actividade económica e sexo (dados para o Continente), 1987

	Total	Sem assalariado	Com assalariados										Total
			1	2 a 5	6 a 10	11 a 20	21 a 50	50 a 100	101 a 500	+ 500			
H	621 800	504 000	24 100	56 200	18 600	9 600	5 800	2 500	700	300	117 700		
M	465 700	442 500	6 000	10 200	3 000	2 600	500	1 000	-	-	23 300		
HM	1 087 500	496 500	30 100	66 300	21 600	12 200	6 300	3 500	700	300	141 000		

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego (4º trimestre), 1987.